

PROCESSOS DE APRENDER A DOCÊNCIA: A CULTURA DE COLABORAÇÃO ENTRE PROFESSORES SURDOS

Giovana Medianeira Fracari Hautrive

giovana.fh@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil

Doris Pires Vargas Bolzan

dbolzan19@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria(UFSM), Brasil

Resumo

O artigo apresentado dicorre sobre a aprendizagem da docência de professores surdos, no contexto de uma escola bilíngue, no interior do Rio Grande do Sul/Brasil. Este estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa narrativa de cunho sociocultural e tem como objetivo reconhecer a relevância da cultura de colaboração na aprendizagem docente de professores que atuam em uma escola para surdos. Evienciou-se que o contexto da escola bilíngue favorece a aproximação entre os docentes, que realizam atividades de estudo coletivas, por meio de reuniões sistemáticas, fomentando a cultura de colaboração no espaço institucional no qual estão inseridos. Os achados indicam que a dinâmica organizacional da escola tem proporcionado avanços nas construções compartilhadas, estabelecidas pela possibilidade de um trabalho colaborativo sistemático e permanente.

Palavras-chave: formação de professores, docência na surdez, conhecimento compartilhado

PROCESSES OF LEARNING THE TEACHING: THE CULTURE OF COLLABORATION AMONG DEAF TEACHERS

Abstract

The presented paper discusses about the teaching learning of deaf teachers, in the context of a bilingual school, in the countryside of Rio Grande do Sul/Brazil. This study is characterized by being a narrative research of socio cultural approach and it has as objective to recognize the relevance of the culture of collaboration in teaching learning of teachers that work in a school for deaf people. We identified that the context of the



bilingual school benefits the approximation among the teachers who perform collective study activities, by means of systematic meetings, fostering the culture of collaboration in the institutional space in which they are inserted in. The findings indicate that the organizational dynamics of the school has been providing advances in the sharing constructions, established by the possibility of a systematic and permanent collaborative work.

Keywords: education of teachers, teaching in deafness, sharing knowledge

Situando a pesquisa

Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior, nele pretendemos discutir a cultura de colaboração na construção da docência no contexto da surdez.

Colocamos em debate as relações estabelecidas por professores surdos no contexto da escola para surdos como provocadoras da construção da docência direcionada à aprendizagem e ao ensino da língua de sinais escrita.

As pesquisas do campo educacional têm se mostrado tímidas no que se refere ao entendimento do processo de ensinar e aprender o sistema *SignWriting*. O professor surdo está atuando como professor de sua língua natural no contexto educacional brasileiro e instiga o nosso olhar de pesquisadores da área. Momentos de compartilhamento entre os professores surdos são essenciais para as novas e constantes reformulações implicadas no aprender a ser professor de *SignWriting*.

Metodología

A abordagem metodológica utilizada para realização do estudo foi de natureza qualitativa e desenvolveu-se a partir da perspectiva sociocultural de cunho narrativo. Os dados da pesquisa foram coletados por meio de treze reuniões do grupo de estudos e de entrevistas semiestruturadas com cinco professores surdos da escola para surdos do Sistema Público Estadual de Educação da cidade de Santa Maria – RS entre os anos de 2012 e 2015. A análise da narrativa sinalizada dos professores surdos, que são responsáveis pelo ensino da escrita da língua de sinais – *SignWriting*, indicaram como resultados o processo de aprendizagem da docência, destacando os elementos que o

constitui. Cabe destacar que entendemos narrativa sinalizada do professor surdo como o modo pelo qual manifestam suas reflexões, entendimentos, concepções e valores sobre o processo de aprender e de ensinar. É a sinalização por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras), que os possibilita narrar sobre sua vida, suas histórias, favorecendo a produção de momentos de produção de sentidos e significados sobre seu desempenho professoral, explicitam seus pensamentos por meio da língua de sinais.

A abordagem narrativa sociocultural foi escolhida para o desenvolvimento deste estudo, destacamos as relações estabelecidas cooperativamente no processo de aprender e de ensinar.

A aprendizagem da docência abarca a reflexão a cerca da formação pessoal e profissional como uma constante. Pesquisas da área da formação de professores deixam evidentes as necessidades formativas direcionadas ao conhecimento de seu campo de atuação. Os docentes surdos elaboram reflexões que sinalizam a relevância de contar com o apoio dos seus colegas para o enfrentamento das demandas no campo da sistematização da escrita da língua de sinais. Isso nos permite entender que os educadores surdos colocam-se em constante reorganização, pois ao refletirem vivências docentes revisitam a própria ação.

Os professores surdos expressam que a postura de abertura para o novo permite a criação, arriscando-se construir modos de aprender a docência. O estabelecimento da circulação do papel de suportes/ou andaimes entre os docentes é essencial para a dinâmica de socialização dos conhecimentos pedagógicos. A cultura de colaboração produzida entre eles é manifestada quando acontece a mobilização para os processos de aprender e ensinar.

Cultura de colaboração como propulsora do aprender a docência

Entendemos que a cultura de colaboração estabelecida, entre os docentes surdos no ambiente escolar, provoca a interação entre os sujeitos e favorece a qualificação dos conhecimentos dos professores.

Evidenciamos que a condição aprendente dos docentes é estabelecida pelo contato escolar, considerando as especificidades culturais dos professores surdos. Por meio da *cultura de colaboração* em que estes docentes estão imersos, distintos modos de apropriação são organizados, modificando os atos e as formas de pensamento sobre o vivido.

Nessa perspectiva, os professores surdos são provocados a pensar sobre os processos de aprender e de ensinar o sistema de língua de sinais escrita- *SignWriting*. Ao longo das reuniões de grupo de estudo os professores manifestam suas reflexões como decorrência das interações e mediações estabelecidas com seus pares surdos. Observamos nas narrativas:

- Lembro que, quando nós entendemos a lógica da SignWriting, rapidamente decidimos: precisamos disso, queremos essa escrita! Isso aconteceu em 2001, é muito recente, né? Porque nós não sabíamos que existia essa escrita, fico com vergonha, estamos atrasados, tenho vergonha (Prof. Deneb).

- Eu comecei a estudar a língua de sinais escrita em 2001, com o professor F. S., era uma oficina aqui na escola [...] Preciso dizer que foi muito difícil. Quando eu olhei, fiquei assustada, mas considero que serviu como algo para nos provocar, nos instigar, nos incentivar, foi uma apresentação da escrita dos sinais. Lembro que o F. S. nos ensinou o posicionamento das mãos se estava para baixo, para cima, para o lado, e também com relação à parede, tudo muito básico, muito básico mesmo (Prof. Sadr).

Reunião 4 do grupo de estudo

As narrativas gestuais dos professores Deneb e Sadr deixam evidente o processo de aprendizagem marcado pelas provocações de outros sujeitos, por meio dos *processos interativos e mediacionais*, que os mobilizaram a aprender, estão calcados, essencialmente, nas relações sociais, destacando-se o diálogo como centralidade para a qualificação do desenvolvimento cognitivo de todos os envolvidos, possibilitando a conquista novas aprendizagens.

Dessa forma, na perspectiva bakhtiniana, o diálogo é considerado como condição de sentido, não individual porque se constrói entre, pelo menos, dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais. O diálogo mantém relações entre os sujeitos, nasce de um contexto histórico, social, cultural. As concepções dialógicas são constituídas pelo princípio da alteridade, pois o outro é indispensável para a concepção de homem, que precisa ser compreendido nas suas relações (Bakhtin, 2006).

As transformações da história, da sociedade e do nível de desenvolvimento cultural dos sujeitos acontecem conforme o tempo e lugar em que estão inseridos, e o uso de instrumentos e signos possibilita reorganizações e transformações, favorecendo a aprendizagem dos sujeitos.

O movimento de aprendizagem do sistema de escrita vivido pelos professores surdos está relacionado às suas vivências em um determinado contexto sociocultural,

envolvendo a atividade colaborativa, assim como a reflexão sobre a sua própria constituição. Nesse sentido, manifestam as finalidades e as motivações que o leva a permanecer aprendendo o sistema de escrita por meio dos *processos interativos e mediacionais* estabelecidos no contexto em que está inserido.

Os estudos de Bolzan e Isaia (2005, 2006, 2007, 2008), Isaia e Bolzan (2005, 2007, 2008, 2009) e Bolzan (2001, 2009, 2010) problematizam a aprendizagem da docência como uma constante construção de conhecimentos acerca o ato docente, na qual o professor permanece em contínuo processo construtivo, à medida que se identifica com uma situação de incompletude em relação à sua formação.

Nessa perspectiva, os docentes surdos ao se reconhecerem como criadores de uma cultura singular assumem sua condição de aprendentes como professores da própria língua escrita, sendo a *tomada de consciência* fator que dinamiza essa condição.

Os docentes surdos revelam a motivação em se qualificarem como professores da língua de sinais escrita, direcionando o olhar para a sua prática docente e para o próprio processo de aprender, assim como também estão atentos ao processo do aluno, constituindo a criticidade sobre a docência. Freire (2001) nos ajuda neste entendimento, quando nos diz que

a educação crítica considera os homens como seres em devir, como seres inacabados, incompletos em uma realidade igualmente inacabada e juntamente com ela. Por oposição a outros animais, que são inacabados, mas não são históricos, os homens sabem-se incompletos. Os homens têm consciência de que são incompletos, e assim, nesse estar inacabados e na consciência que disso têm, encontram-se as raízes mesmas da educação como fenômeno puramente humano. O caráter inacabado dos homens e o caráter evolutivo da realidade exigem que a educação seja uma atividade contínua (Freire, 2011, p. 94).

Os professores surdos manifestam que a docência é produzida continuamente, com base nas próprias experiências do cotidiano da escola, espaço no qual são aprendentes e ensinantes simultaneamente. Acreditam nas possibilidades de mudança e de transformações, frequentes no ato docente.

Nas narrativas que seguem, observamos a *tomada de consciência* sobre a condição aprendente, sendo que entendemos como tomada de consciência a superação da consciência ingênua a partir da consciência crítica que se manifesta, quando o sujeito compreende a realidade, transformando-a (Freire, 2001).

As narrativas que seguem expressam esse entendimento:

- *Penso que aqui na escola, os professores estão junto com as crianças, pois nós estamos a todo tempo pensando: estou certo ou não? Será que estou errado? Essa busca pela escrita correta acontece com as crianças, não temos uma escrita que está posta, pronta. É por este motivo que todas as escritas são consideradas sempre. Todas as hipóteses são olhadas com atenção e os erros são encontrados juntos, não temos um único professor que tem o conhecimento pronto e acabado, nós não somos fechados, queremos aprender juntos [...](Prof. Albireo).*

- *Eu sei que ainda falta muito e temos que evoluir, nós temos muitas dúvidas sempre. Questionamos uns aos outros e não temos respostas para muitas coisas, nós criamos estratégias para conseguir escrever algumas coisas [...](Prof. Deneb).*

Reunião 3 do grupo de estudo

Albireo e Deneb nos mostram que a tomada de consciência consiste na reconstrução mental que são capazes de efetivar, desse modo, compreendem seus limites e potencialidades, procuram retomar o seu fazer na busca pela identificação das mediações que lhes favorecem desenvolver-se ou não. Nesse processo, o outro é essencial para a tomada de consciência sobre si.

Observamos nas narrativas gestuais anteriores que os docentes Albireo e Deneb revisitam as vivências como alunos que foram, para se conscientizarem de que é preciso ter esse olhar atento para reformulações. Eles são professores conscientes de seu inacabamento. Mostram que a aprendizagem da docência é elemento que se constitui conforme a sua historicidade, ou seja, conforme o tempo e lugar em que estão imersos.

A aprendizagem de ser professor envolve pensar a formação pessoal e profissional em uma constante “interlocação pedagógica via redes” (Isaia e Bolzan, 2009, p. 141) com uma contínua flexibilização diante de questões que mobilizam os docentes a evidenciarem as exigências formativas do campo de atuação, assim como também elucidar as necessidades formativas dos estudantes com quem estão envolvidos pedagogicamente.

Nessa perspectiva, Bolzan e Isaia (2006) afirmam que “o docente precisa colocar-se como alguém que também aprende com seus alunos, compreendendo seus modos de construção e suas rotas cognitivas” (p. 493). A necessidade da reflexão sobre o ato pedagógico do professor, direcionado à realidade em que atua, pois “não é possível falar-se em um aprender generalizado de ser professor, mas entendê-lo no contexto concreto de cada docente, tendo em vista as trajetórias de formação de cada um, a trajetória da

instituição na qual atuam e para qual atividade formativa estão direcionados” (p. 495). Estes elementos constituem a *tomada de consciência* dos professores surdos.

Portanto, a aprendizagem da docência envolve processos contínuos de apropriação, elaboração e criação, que o professor surdo é capaz de realizar ao longo de sua trajetória formativa, resultando em ações pedagógicas próprias, que se distinguem por traços particulares e se renovam por meio de diferentes encontros dialógicos ao longo da docência. Os encontros dialógicos caracterizam-se como enfrentamentos que o sujeito vivencia, ou seja, significa participar do diálogo, é uma condição de sua existência, este encontro se produz quando é possível questionar/sanar, responder/perguntar, concordar/divergir, enfrentar/recuar, disputar/renunciar. Neste encontro, o sujeito tem uma participação ativa, implica em todos os sentidos e atos que o constituem (Bakhtin, 1988, 2006).

Os *processos interativos e mediacionais* estabelecidos no processo de cooperar uns com os outros e as formas de mediações que os docentes surdos estão vivenciando tornaram-se essência para o processo de aprendizagem. De acordo com Vygotski (1997), os homens constituem-se sócio-historicamente, o que torna a possibilidade de transmitir as informações de gerações passadas por meio da colaboração e comunicação, constituindo a evolução da humanidade. Vygotski(1997) referenda que

Tenemos conciencia de nosotros mismos porque tenemos de los demás y por el mismo procedimiento por el que conocemos a los demás, porque nosotros mismos com respecto a nosotros mismos somos lo mismo que los demás com respecto a nosotros. Tengo conciencia de mi mismo solo en la medida que para mí soy outro, es dicer, porque puedo percibir outra vez los reflejos propios como nuevos excitantes (p. 57).

Refletir sobre o processo que constitui o professor é pensar diretamente nas relações interpessoais estabelecidas no cotidiano docente. Assim, pensar na rede de interações construídas pelos docentes e nas mediações como princípios promotores do processo de aprendizagem docente é fator que mobiliza a aprendizagem docente.

Entendemos que os professores surdos, quando evidenciam a intencionalidade na consolidação do uso do sistema de escrita dos sinais no contexto educacional, estão organizando transformações a partir do desenvolvimento de novas capacidades, novos procedimentos pedagógicos na sua docência, objetivando a efetivação do uso do sistema de escrita dos sinais no contexto da escola para surdos.

Os professores surdos servem de estímulos auxiliares uns para os outros. Neste sentido caracterizam-se como instrumentos materiais e/ou instrumentos psicológicos, tendo em vista a interação entre sujeitos que possuem diferentes experiências e que são capazes de viver situações de reciprocidade com o objetivo de assimilar mentalmente tais vivências, utilizando a capacidade de compreensão para se conscientizarem de diferentes comportamentos e conhecimentos que anteriormente a esta interação não existia, algo que para eles passou a ser elemento novo no ato pedagógico. Observamos esse ideário no diálogo que segue:

- *Eu lembro que naquela época encontrei a Sadr em um curso de língua de sinais escrita. A Sadr já era famosa na escrita dos sinais, eu já sabia que ela estava estudando aqui sobre a escrita, por este motivo eu vim trabalhar aqui no Cóser. Procurava ela e perguntava e ela me mostrava, eu via as novidades das regras da língua escrita com a Sadr. Eu precisava desse contato com os surdos que estudam a língua de sinais escrita, aqui tudo ficou mais fácil para aprender, ficou melhor (Prof. Albireo).*

- *Eu acho que é isso que faz a comunidade de surdos me verem como uma estudiosa. É o meu interesse e a vontade para aprender mais (Prof. Sadr).*

Reunião 3 do grupo de estudo

Observamos no diálogo que Sadr é estudiosa e defensora da língua de sinais escrita como um direito cultural da comunidade surda. Ela pensa em qualificar, cotidianamente, a sua prática docente, assim tornou-se referência, nesta área, para os colegas. Albireo mudou-se de cidade em busca de um aprendizado compartilhado com Sadr, acreditando na possibilidade de se tornar mais qualificado ao compartilhar esse processo com ela, na busca de efetivar ações de estudo. O papel de Sadr no desenvolvimento profissional de Albireo caracteriza-se como *estímulo auxiliar* no processo de aprender a docência.

A condição aprendente é peculiar neste grupo de professores que estão mobilizados a refletir sobre o conhecimento específico direcionado ao sistema *SignWriting*. O direcionamento para o processo de aprender está demonstrado quando M.S. e F.S. servem de *estímulos auxiliares* para Deneb e Sadr e, quando estes, servem de estímulos auxiliares para os demais, marcando o processo de condição aprendente do professor de língua de sinais escrita em um processo interativo, dinâmico, vivo, no qual as interações entre os pares se efetiva nos processos interpessoais, para posteriormente se dar como processo intrapessoal.

As narrativas dos docentes nos indicam que os *estímulos auxiliares* estabelecidos, por meio das relações dinâmicas organizadas entre os professores surdos, contribuem para o avanço do processo de qualificação deles. Esta dinâmica, por sua vez, é provocadora de novas conquistas que se efetivaram por meio dos conflitos cognitivos que se estabeleceram durante a interação nos grupos de estudo.

Os *estímulos auxiliares* servem de suporte ou andaime no processo de construção do professor surdo, deslindando caminhos possíveis, para orientar seu próprio desenvolvimento. As escolhas que fazem, efetivam preferências, identificam e avaliam distintas situações que lhe são favoráveis para o processo de aprendizagem (Vygotski, 1995, 2007).

Assim, os docentes surdos organizaram situações de interação entre professores mais experientes no sistema de escrita de língua de sinais e outros educadores com menos experiência. Essa situação favorece o aparecimento do dispositivo de *suporte ou andaime* no grupo. Entendemos, comumente, por suporte/ou andaime, uma circunstância de interação entre um sujeito especializado, ou mais experimentado em um domínio, e outro novato, ou menos especializado, na qual o formato da interação tem por objetivo que:

o sujeito menos especializado se aproprie gradualmente do saber especializado; o formato deveria observar que o novato participe desde o começo numa tarefa reconhecidamente complexa, ainda que sua participação inicial seja sobre os aspectos parciais ou locais da atividade global e mesmo quando se necessite do suporte do sujeito mais especializado para poder se resolver (Baquero, 1998, p. 104).

A concepção que permeia a ideia de *suporte/ou andaime* se refere, ao fato de que a atividade eleita pelos docentes, no nosso caso, aprender e ensinar o sistema de escrita de sinais, se efetiva em situação de solidariedade docente, sendo que, no começo, os sujeitos mais especializados, aqui no nosso caso, os professores Deneb e Sadr, assumem o lugar que lhes é conferido devido à formação específica em Letras/Libras e maior tempo de estudo sobre o sistema. Estes docentes delegam atribuições gradualmente aos professores menos especializados no sistema de escrita da língua de sinais. Assim, o papel de suporte é temporal e ajustável, conforme o interesse do professor em realizar investimentos em uma determinada temática para socializar no grupo de estudos, assumindo assim, o papel naquele momento. Portanto, evidencia-se a solidariedade

docente como um movimento de compartilhamento de ações e responsabilidades acerca da docência entre os professores; implica descobertas e observações sobre as questões pedagógicas por meio da interação, com o intuito de ampliar os conhecimentos, objetivando o aprendizado conjunto/coletivo, promovendo o olhar para o colega professor como um parceiro no processo de aprender (Hautrive, 2011).

A estrutura de suporte se refere a um determinado tipo de colaboração que precisa se constituir justamente na característica de desmontagem. Baquero (1998) menciona que o formato de suporte precisa valer-se de características, sendo ajustável e temporal, de acordo com o nível de competência do sujeito menos especializado e dos progressos que se instituem. Nesse sentido, evidenciamos a preocupação dos professores em considerar o movimento de rotatividade para a dinamização de temáticas.

Essa preocupação é mais evidente nas narrativas de Deneb e Sadr, que, no papel de *suporte/ ou andaime*, demonstram uma característica importante: eles apresentam um controle gradual das atividades assumidas e conscientizam-se de que seu processo de aprendizagem se refere a uma atividade complexa, sinalizando sobre seus processos de conscientização, deixando evidente o valor do estímulo auxiliar.

Nesse sentido, a solidariedade docente é consolidada no processo de aprender a docência. Os docentes, ao tomarem consciência da complexidade que envolve o processo de aprender, também reconhecem que acontecem avanços nos estudos referente ao sistema de escrita da língua de sinais. Assim entendemos esse processo como resultado da atividade compartilhada e conjunta que foi instituída entre os professores surdos, mediada pela cultura de colaboração.

Os processos vividos como aprendizes pioneiros do sistema de escrita dos sinais e o atual papel de líderes nessa comunidade exige destes docentes [re]posicionamentos como suporte. A consciência do papel de suportes e a sua alternância provocam reflexões e compreensões sobre o próprio papel assumido no grupo. Esse posicionamento nos ajuda a compreender estes sujeitos como constituidores e transformadores da cultura escolar em que estão inseridos, consolidando a cultura de colaboração.

Observamos nas narrativas que seguem a importância da atividade de estudo no grupo como elemento que favorece a cultura de colaboração:

[...] Às vezes, eu olho para a escrita e penso: está errado o que o colega escreveu? Não é assim que se escreve. Mas eu não falo para o colega, eu chamo o Deneb e converso com ele sobre a importância de conversarmos com todo o grupo, os estudos aprofundados sobre a língua de sinais escrita estão ajudando.

Nós precisamos de um conhecimento maior sobre a estrutura da língua e no grupo de estudo é o melhor lugar para isso acontecer [...] (Prof. Sadr / entrevista pessoal).

[...] Eu sinto que nós, professores surdos, precisamos investir mais nos estudos para ter mais segurança, a escrita precisa ser espontânea, precisa nascer de dentro da pessoa, precisamos ter mais clareza sobre isso, ter mais discussões [...] (Prof. Gienah / Reunião 11 do grupo de estudo).

A cultura de colaboração que se estabelece entre os docentes surdos é o eixo condutor para a consolidação dos processos de aprender. Os docentes surdos explicitam que o processo de aprender docente exige possíveis revisitações (do próprio caminho percorrido na constituição de ser professor) com provocações que são anunciadas pelo outro nas situações dialógicas vividas no grupo de estudo, caracterizando a cultura de colaboração. Assim, os professores manifestam o compromisso de aprendentes em potencial da língua de sinais escrita que está se constituindo, histórica e socialmente, por meio das relações dialógicas (Bakhtin, 2006; Freire, 2001).

Os professores surdos são sujeitos dedicados e comprometidos com os *processos interativos e mediacionais* que colaboram para a sua qualificação profissional, constituindo assim, a cultura de colaboração no espaço educacional. Observamos que os docentes manifestam interesse em permanecer com as atividades do grupo de estudo como lugar de compartilhamento das vivências de ensino, direcionando o olhar para o processo de aprendizagem do aluno e para o seu próprio processo.

A cultura de colaboração estabelecida entre os professores surdos responde à formação de rede de relações interpessoais, constituída por eles que se encontram em diferentes patamares sobre o processo de aprender e ensinar o sistema de língua de sinais escrita.

É por meio de novas orientações, de modo independente para o estudo, que os docentes surdos mostram-se capazes de aprender mediante um ensino que gera a qualificação permanente do desenvolvimento cognitivo, tanto deles como de seus alunos. Assim, as estratégias de ensino e de aprendizagem elencadas pelos professores surdos tornaram-se alavancas para que estes sujeitos conquistassem a sua profissionalização docente com autonomia, sabendo avaliar situações, agir com clareza e intervir com astúcia, sendo capazes de realizar críticas sobre o próprio ato docente, com o intuito de qualificá-lo.

Os docentes internalizam conceitos, desenvolvem habilidades e competências para a reflexão sobre o sistema de escrita, envolvendo o próprio processo de aprender a docência. Estes elementos se configuram como meio que contribui para que o professor se constitua como alguém que é capaz de analisar a própria ação docente, como um intelectual que enfrenta e se mobiliza a pensar sobre os desafios impostos pela profissão, buscando encontrar possíveis soluções para a resolução de problemas cotidianos, ou seja, um sujeito capaz de decidir e criar estratégias docentes, provocando a autotransformação.

Os professores surdos tomam consciência sobre a docência como professores de *SignWriting*, quando compreendem que as relações com seus colegas professores são provocadoras de possíveis mudanças sociais e culturais, efetivando assim, *processos interativos e mediacionais* estabelecidos com os colegas no grupo, no contexto escolar.

Dimensões conclusivas

Entendemos que a aprendizagem da docência se dá, primeiramente, em espaços pedagógicos por meio das relações interpessoais para, posteriormente, efetivar-se a internalização e a apropriação de diferentes saberes que são necessários à prática docente. Estes elementos favorecem novos planejamentos para uma melhor realização do ato docente, caracterizando desse modo, um processo intrapessoal.

O processo intrapessoal se efetiva quando o professor de *SignWriting* elabora propostas de intervenções como docente do sistema. E essa proposta é o resultado de reflexões elaboradas por meio de compartilhamento e experiências com o grupo de professores, ou seja, efetiva-se devido às experiências interpessoais vivenciadas na área da docência.

É preciso destacar que as interações e mediações experienciadas, no contexto social da escola para surdos, favorecem o processo de autoformação por meio das construções coletivas de conhecimentos sobre o próprio ato docente, elementos que impulsionam o avanço da aprendizagem da docência, efetivando a cultura de colaboração entre os professores (Bolzan e Isaia, 2005, 2006; Isaia e Bolzan, 2007, 2009).

A condição aprendente é elemento genuíno à produção professoral dos professores surdos, mobilizada pela postura instigadora, problematizadora, reflexiva. Nessa direção, é possível afirmar que o trabalho conjunto promove o processo de aprender e possui relevância no contexto da escola para surdos. É o processo de colaboração que se instaura

nessa relação do trabalho conjunto, das interações e das mediações entre pares que torna possível este novo modo de pensar a docência.

A cultura de colaboração estabelecida entre os professores surdos nas reuniões de estudo é entendida como um conjunto de posicionamentos, modos de atuar, socialização dos conhecimentos teórico-práticos que circulam e são apropriados e ampliados por alguns professores. Estes conhecimentos são compartilhados, reconstruídos, retomados e contribuem para guiar a prática dos professores surdos.

Os professores surdos estão em processo contínuo de aprendizagem, ampliando saberes e articulando reflexões às ações docentes cotidianas, o que lhes possibilita (trans)formações na sua produção professoral. É por meio das relações pessoais e interpessoais estabelecidas entre os professores surdos que eles produzem novas aprendizagens, novos modos de conduzir a sua prática docente.

A condição aprendente se dá objetivamente porque o espaço pedagógico no qual o professor está inserido é um lugar que lhe permite não apenas buscar por si fontes de conhecimento e de esclarecimento para o seu trabalho pedagógico, como também, propicia reuniões de grupo de estudo, fortalecendo-se a cultura de colaboração.

As redes de interação constituídas pelos professores favorecem a produção de novos modos de ser e de se fazer professor dentro da cultura específica da escola para surdos, colocando em destaque o protagonismo pedagógico, elemento resultante da aprendizagem de ser professor nesse contexto.

Referências

- Bakhtin, M. (1988). *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec.
- _____. (2006). *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Baquero, R. (1998). *Vygotski e a aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bolzan, D. P. V. (2009). *Formação de professores: construindo e compartilhando conhecimento*. Porto Alegre: Mediação.
- Bolzan, D. P. V.; Isaia, S. M. (2005). Aprendizagem Docente no Ensino Superior: construções a partir de uma rede de interações e mediações. *UNIrevista*, v. 1, n. 1. *IV Congresso Internacional de Educação*. UNISINOS, São Leopoldo.

- Bolzan, D. P. V.; Isaia, S. M. (2006). *Aprendizagem docente na educação superior: construções e tessituras da professoralidade*. Educação. Porto Alegre: PUCRS, p. 399-501.
- Hautrive, G. M. F. (2011). *Aprendizagem docente de professores alfabetizadores de aprendizes surdos*. (Dissertação) – Mestrado em Educação: Centro de Educação – Universidade Federal de Santa Maria - UFSM.
- Isaia, S.; Bolzan, D. P. V. (2007). Ciclos de vida profissional docente: movimentos construtivos da docência universitária. In: *IV Congresso Nacional y II Internacional de Investigación Educativa*. Universidad Nacional de Comahue. Argentina.
- Isaia, S.; Bolzan, D. P. V. (2009). Trajetórias da docência: articulando estudos sobre os processos formativos e a aprendizagem de ser professor. In: Isaia, S. M. A.; Bolzan, D. P. V. (Org.). *Pedagogia Universitária e desenvolvimento profissional docente*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Freire, P. (2001). *Conscientização: teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro editora.
- Vygotski, L. S. (1995). *Obras escogidas*. Tomo III. Madrid: Editora Visor.
- _____. (1997). *Obras escogidas*. Tomo V. Madrid: Editora Visor.
- Vygotski, L. S. (2007). *Formação Social da Mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes.